



**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara – SP**

**KARINA GOMES SEGANTIN**

**A TRADUÇÃO DO CONTO “LANGE SCHATTEN”**  
**DE MARIE LUISE KASCHNITZ**



Araraquara – SP  
2010

**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara – SP**

**KARINA GOMES SEGANTIN**

**A TRADUÇÃO DO CONTO “LANGE SCHATTEN”  
DE MARIE LUISE KASCHNITZ**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras, realizada sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Reckziegel Guedes Evangelista.

Araraquara – SP  
2010

Segantin, Karina Gomes

A tradução do conto “Lange Schatten” de Marie Luise Kaschnitz /  
Karina Gomes Segantin. – 2010

31 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,

Campus de Araraquara

Orientador: Maria Cristina Reckziegel Guedes Evangelista

1. Conto alemão – Tradução para o português. 2. Kaschnitz,  
Marie Luise. I. Título.

KARINA GOMES SEGANTIN

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras, realizada sob orientação da Profª Drª Maria Cristina Reckziegel Guedes Evangelista.

Banca Examinadora:

---

Profª Drª Maria Cristina Reckziegel Guedes Evangelista  
Orientadora – UNESP - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

---

Profª Drª Karin Volobuef  
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

---

Profª Drª Wilma Patrícia M. Dinardo Maas  
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Araraquara, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família e ao Felipe, meu namorado, pelo amor e pelo apoio de sempre.

A minha orientadora Maria Cristina Reckziegel Guedes Evangelista, pela paciência, pela boa disposição e competência como orientadora e como professora de língua alemã.

A minha grande amiga Patrícia Falasca, sem ela seria muito mais difícil finalizar esse trabalho.

Aos meus amigos queridos, pelos momentos de alegrias e de tristezas, e por fazerem parte de cada fase da minha vida.

## RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é apresentar uma tradução literária da língua alemã para o português. Para tanto, o material escolhido foi o conto “Lange Schatten”, presente na coletânea de contos de mesmo nome - *Lange Schatten Erzählungen* – lançado em 1960. O livro foi escrito pela escritora Marie Luise Kaschnitz, nascida na cidade de Karlsruhe na Alemanha, no ano de 1901. A tradução do conto foi realizada com a ajuda de dicionários impressos e virtuais, além de livros sobre a história da literatura alemã e algumas teorias de tradução. Este trabalho também apresenta comentários breves sobre alguns tópicos importantes a respeito da tradução e algumas dificuldades encontradas no decorrer de sua realização.

**Palavras-chave:** Marie Luise Kaschnitz. Tradução. Conto.

## **ABSTRACT**

*The principal objective of this project is to present a literary translation from German to Portuguese of the short story 'Lange Schatten', in the collection of the same name, Lange Schatten Erzählungen, published in 1960, written by Marie Luise Kaschnitz. Kaschnitz was born in 1901 in Karlsruhe, south-west Germany. The translation was completed with the aid of virtual and printed dictionaries, in addition to books on the history of German literature and some translation theories. Also, this paper provides brief commentaries on topics related to translation, particularly those concerned with the difficulties posed by translation of this project.*

**Keywords:** *Marie Luise Kaschnitz. Translation. Short story.*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1 Sobre a autora.....	8
2 O conto traduzido: Longas Sombras .....	10
3 Sobre a tradução.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	21
REFERÊNCIAS.....	22
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	23
ANEXO.....	24

## INTRODUÇÃO

Marie Luise Kaschnitz foi uma importante escritora da literatura alemã, tendo recebido, ainda em vida, alguns prêmios literários de renome como o *Georg-Büchner-Preis* e *Hebel-Preis*. No primeiro capítulo deste trabalho será possível conhecer um pouco da vida, da obra e do contexto histórico e literário em que viveu a grande escritora alemã, possibilitando assim, uma melhor leitura e compreensão da obra original e da tradução realizada neste trabalho.

*Lange Schatten* é um dos livros da autora, que reúne ao todo 21 contos, não muito extensos. Entre eles, encontra-se o conto mais famoso de Kaschnitz, “A criança gorda”, o único, até então, traduzido para a língua portuguesa. O conto escolhido para este trabalho chama-se “*Lange Schatten*”, que dá o título ao livro e sua tradução será apresentada no segundo capítulo da monografia. Esse conto marca bem as características estilísticas das obras da escritora, nas quais se pode notar uma tentativa de compreensão do mundo real misturado com a fantasia de um mundo mítico.

O terceiro e último capítulo visa mostrar como o trabalho de tradução foi realizado, com comentários acerca das dificuldades referentes à língua estrangeira, das mudanças pertinentes para que algumas expressões fizessem sentido na língua portuguesa, além de mostrar reflexões relevantes de alguns teóricos sobre a arte de traduzir. De acordo com Octavio Paz “Toda tradução é, até certo ponto, uma criação e, como tal, constitui um texto único.” (ARROJO apud PAZ, 1986, p. 11). A intenção deste trabalho de tradução é tornar o texto traduzido tão único e completo como o texto original.

## 1 Sobre a autora

Marie Luise Kaschnitz nasceu em 31 de janeiro de 1901, na cidade alemã de Karlsruhe. Filha do Barão von Holzing Berstett e de Elsa von Seldeneck, tinha duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo. Passou a infância nas cidades de Berlim e Potsdam, porém, depois da guerra, mudou-se com a família para a pequena cidade de Bollschweil, na região de Freiburg, perto da Floresta Negra. Aos vinte anos, iniciou um estudo para ser bibliotecária em Weimar e, em 1925, começou a trabalhar na livraria Leonardo S. Olschiki, em Roma, onde se casou com o arqueólogo Guido von Kaschnitz-Weinberg. Três anos depois, nasceu Iris Constanza, sua única filha. Marie Luise e sua família ainda moraram por alguns anos em Roma mas, devido a um emprego oferecido ao seu marido, eles retornaram para a Alemanha. Ao longo de sua vida, ela visitou diversos lugares do mundo, como Turquia, Hungria, Grécia, África do Norte, etc. Em 1953, voltaram para Roma, onde viveram somente por três anos, até seu marido descobrir que estava com um tumor cerebral. Mais uma vez retornaram para Frankfurt para tratar da doença, porém, no ano de 1958, Guido morreu. No fim de sua vida, ela voltou a viver em Roma, onde faleceu em 1974.

Marie Luise Kaschnitz começou sua vida literária aos trinta anos e seu primeiro romance foi *Liebe beginnt*, publicado em 1933. Ela é consagrada como uma grande poetisa do século XX, contudo, também escreveu romances, peças radiofônicas, ensaios e contos. Sua primeira coletânea de contos foi *Lange Schatten* (1960), que impulsionou a carreira da escritora com o conhecido conto de sucesso “*Das dicke Kind*”, único traduzido, até o momento, para a língua portuguesa. Durante sua vida, ela recebeu muitos prêmios literários, como em 1955, quando ganhou o *Georg-Büchner-Preis* – o maior prêmio da literatura alemã. Em 1984, foi consolidado o *Marie-Luise-Kaschnitz-Preis*, que vem crescendo no cenário da literatura alemã e europeia. Sua principal intenção, além de honrar a memória dessa grande escritora, é promover jovens e talentosos escritores.

Kaschnitz presenciou as duas grandes guerras mundiais. Por ser militar, seu pai participou da Primeira Guerra Mundial. Quando retornou, estava “em um estado de profunda depressão” (WHISSEN, 1995, p. xi). A Segunda Guerra Mundial teve mais repercussão na vida literária da escritora. Seu primeiro romance foi publicado

justamente quando os nazistas tomaram o poder em 1933; em seguida, somente o segundo romance *Elissa* foi publicado em 1937 e, a partir de então, Marie Luise Kaschnitz e muitos outros escritores alemães se puseram na chamada “emigração interior” (*Innere Emigration*), isto é, eles permaneceram na Alemanha, mas se calaram, sem publicar novas obras. No nazismo, a vida literária desses escritores na Alemanha foi praticamente nula. No livro *Deutsche Literatur-Geschichte* (BEUTIN et al., 1994, p. 396), há um trecho onde são apresentados os escritores desse período:

*Bedingt zur “Inneren Emigration” hinzurechnen kann man jede Gruppe von Autoren, die während des Faschismus, zum Teil auch schon während der Weimarer Republik, ihr schriftstellerisches Debüt gaben, aber erst nach 1945 zu beachteten Vertretern der Nachkriegsliteratur wurden und das literarische Leben der Bundesrepublik bis in die 60er Jahre hinein bestimmten (Günther Eich, Peter Huchel, Wolfgang Koeppen, Maria Luise Kaschnitz, Max Frisch, Rudolf Hagelstange, Gerd Gaiser, Karl Krolow, Paul Celan, Oskar Loerke e Wilhelm Lehmann).*

Com o fim da guerra e do nazismo, a vida literária volta à atividade – surge a literatura pós-guerra ou *Trümmerliteratur* (literatura de escombros). Alguns autores formaram o Grupo 47, cuja principal intenção era dar um novo começo para a literatura alemã. Eles optaram por escrever contos ou narrativas curtas. Algumas das razões para essa opção é que são “[...] de poucas páginas, facilitando a leitura em pouco tempo, pois devido à situação da época, era muito mais difícil alguém dedicar-se a leituras muito longas como os romances por exemplo.” (SCHMITT, 2008, p. 144). Além de escrever histórias curtas, Kaschnitz passou a escrever sobre o ser humano como indivíduo, que possui medos, inseguranças, sentimentos de solidão e perda, ansiedades, e também como são as relações com a família e com o mundo. A maioria das personagens das suas histórias são mulheres, muitas vezes tentando buscar a compreensão do mundo e de si mesmas, como no conto “*Lange Schatten*”, do qual segue a tradução no próximo capítulo.

## 2 O conto traduzido: Longas Sombras

Chato, tudo chato, o hall do hotel, o restaurante, a praia, onde os pais estão deitados sob o sol, cochilando com a boca aberta, despertam, bocejam, vão para a água, um quarto de hora de manhã, um quarto de hora à tarde, sempre juntos. Vistos de trás, o pai tem as pernas finas demais, a mãe, grossas demais, com varizes, e então, na água, eles se animam e espirram água ao redor como crianças. Rosie nunca vai nadar junto com os pais, ela deve, enquanto isso, cuidar das irmãs, que ainda são pequenas, mas não são mais encantadoras, e sim muito tontas, que jogam um monte de areia no livro das pessoas ou colocam uma água-viva em suas costas despidas. Ter uma família é terrível, outras pessoas também sofrem com suas famílias, Rosie vê isso muito claramente, por exemplo o homem moreno com a correntinha de ouro, que ela chama de xá<sup>1</sup>, que, em vez de ficar com os seus sob o guarda-sol, fica sentado no bar ou dirige o barco a motor, impulsos selvagens, muito rápido e sempre sozinho. Uma família é uma praga, por que não se pode vir crescido ao mundo e imediatamente seguir seu próprio caminho. Vou seguir meu caminho, diz Rosie um dia depois do almoço e acrescenta cuidadosamente, vou à vila comprar cartões postais, cartões com paisagens, que serão enviados às colegas de escola, como se ela estivesse pensando em enviar cartõezinhos para as meninas ridículas de sua classe, saudações do Mar Mediterrâneo azul, como você está, eu estou bem. Nós vamos junto, gritam as irmãzinhas, mas graças a Deus não, elas não podem ir, elas devem ir para a cama, tirar o cochilo da tarde. Então, só suba a rua até a praça do mercado e volte logo, diz o pai, e não converse com ninguém, e segue a mãe e as irmãzinhas com suas pobres costas curvadas de tanto trabalhar no escritório, ele saiu hoje com o barco na água, mas ele nunca será um marinheiro. Só de subir a rua, lá em cima se vê, com muros e torres colados na montanha, onde fica a vila, mas os pais nunca estiveram lá, o caminho era, para eles, longo demais, quente demais, o que ele realmente é, sem nenhuma sombra à vista. Rosie não precisa de sombra, para quê também, para ela está sempre bom, bom em sua pele brilhante de bronzeador solar, contanto que ninguém se dirija a ela e ninguém lhe pergunte nada.

---

<sup>1</sup> Título do soberano do Irã. (WEISZFLOG, 1998)

Quando se está sozinho, tudo se torna grande e incrível e começa a pertencer somente à gente, minha rua, meu gato preto e sarnento, meu pássaro morto, repugnante, devorado por formigas, mas para se pegar na mão, incondicionalmente, meu. Minhas pernas longas em calças de linho desbotadas, minhas sandálias brancas, um pé diante do outro, ninguém na rua, o sol queima. Lá, onde a rua alcança a colina, ela começa a traçar uma linha em formato de cobra, cobra azul em uma videira dourada, e nos campos os grilos cricrilam que legal. Rosie usa o atalho por entre os jardins, uma mulher velha vem ao seu encontro, uma múmia, pelo amor de Deus, que ainda anda assim sem rumo e já deveria estar no túmulo há muito tempo. Um homem jovem passa por Rosie e fica parado, e Rosie faz uma cara séria. Os homens jovens daqui são uns enxeridos inúteis, não se precisa de pais para saber isso, aliás, para quê, afinal, se precisa de pais, o diabo que os pais temem já tem há muito tempo uma outra cara. Não obrigada, diz Rosie delicadamente, eu não preciso de companhia, e passa pelo jovem, imitando as garotas daqui, com a coluna ereta, vértebra sobre vértebra, o queixo erguido, os olhos baixos e frios, e ele ainda murmura algum elogio, que aos ouvidos de Rosie soa totalmente ridículo. Vinhedos, cascatas de flores de gerânio rosas, nogueiras, acácias, canteiros de legumes, casas brancas, casas rosas, suor nas palmas das mãos, suor no rosto. Finalmente o topo foi alcançado e a cidade também, o navio Rosie recebe vento sob a vela e navega alegremente por ruas de sombras, pelos estandes de frutas e bandejas rasas cheias de peixes coloridos, cintilantes e de olhos redondos. Meu mercado, minha cidade, minha loja com rebanhos de bichinhos de borracha e um firmamento de chapéus de palha, também suportes cheios de postais, dos quais Rosie, porque assim é de costume, escolhe três com paisagens marítimas de cor azul forte. Seguindo pela praça, sem pensamentos “Ah-Oh” ao ver o castelo e as fachadas da igreja, mas olhares interessados para as humildes mercadorias expostas, também para os quartos térreos, onde estão pendurados doces imagens de madonas sobre camas de casal de ferro, ricamente decoradas com arabescos floridos. Àquela hora, no início da tarde, não há mais quase ninguém na rua, um pequeno cachorro peludo de raça indefinida late para uma janela, onde um garoto está de pé fazendo-lhe caretas. Rosie encontra no bolso da sua calça meio pãozinho do lanche matinal. Pegue, vira-lata, ela diz e o oferece para o cachorro, que dança alegremente em volta dela como um macaquinho adestrado. Rosie lhe atira o pãozinho e o toma imediatamente de volta, a feia criatura, saltitante

sobre duas patas, a faz rir, no fim ela agacha na sarjeta e acaricia sua barriga branca e suja. Ei, chama o garoto da janela, e Rosie chama Ei de volta, sua voz ecoa, por um momento parece que seriam os únicos acordados na cidade quente, que cochila. Que o cão a siga enquanto ela anda em frente agrada à garota, nada a ser perguntado, mas ter companhia, poder falar, venha meu cãozinho, agora vamos sair pelo portão. O portão não é o mesmo pelo qual Rosie entrou na cidade, e a rua não leva de jeito nenhum à praia lá embaixo, mas sim morro acima, atravessa uma floresta de carvalhos e estende-se em seguida para cima, com vista plena para o mar ao longo da encosta fértil. Aqui, acima e mais além, até o farol, os pais tinham planejado um passeio juntos; é tranquilizante que eles agora estejam deitados nas camas em seu quarto escuro atrás do nariz na montanha, Rosie está em outro país, minha floresta de oliveiras, minha laranjeira, meu mar, meu cachorrinho, traga-me a pedra de volta. O cachorro traz a pedra e late sobre a faixa de asfalto azul-escuro e fundido, agora ele corre um trecho em direção à vila, lá vem alguém do canto do rochedo, um garoto, o garoto, que estava na janela e fazia caretas, uma criança robusta e bronzeada. Seu cachorro? pergunta Rosie, e o garoto confirma, chega mais perto, começa a explicar para ela a região. Rosie, que de uma estada em Tessin entende um pouco de italiano, primeiro se alegra, e depois se decepciona, visto que ela já conseguia imaginar que o mar é o mar, a montanha é a montanha e as ilhas são as ilhas. Ela anda mais rápido, mas o garoto robusto fica no seu pé e continua falando com ela, tudo o que ele aponta com seus dedos curtos e morenos perde seu encanto, o que resta é um postal como o comprado por Rosie, azul forte e verde fluorescente. Ele deve ir para casa, pensa ela, junto com seu cachorro, que também de repente não lhe traz mais alegria. Quando ela vê a alguma distância à esquerda uma trilha desviar da rua e subir a montanha íngreme entre rochedos e muitos arbustos, ela fica parada, pega em sua bolsa as poucas moedas que sobraram da sua compra, agradece e manda o garoto de volta, esquece-o também de imediato e saboreia a aventura, a trilha das rochas, que logo se perde na mata densa. Rosie esqueceu dos pais e mais ainda das irmãs, até de si mesma como pessoa, com nome e idade, a aluna Rosie Walter, do segundo ano do ensino médio, poderia fazer mais; nada disso mais, uma alma errante, apaixonada de um jeito obstinado pelo sol, pelo ar salgado, pelo poder fazer e não-fazer, um adulto como o xá, que infelizmente nunca passeia a pé, caso contrário se poderia encontrá-lo aqui e junto com ele, sem papo-furado, observar barcos a vapor que passam ao longe. O

caminho torna-se uma escada, que se enrola em volta do rochedo, Rosie senta-se num degrau, toca a pedra rachada com os dez dedos, cheira o hortelã, que ela despedaça com a palma da mão. O sol arde, o mar brilha e ofusca. Pan está sentado sobre a colina coberta de giesta<sup>2</sup>, mas a escolaridade de Rosie é falha, ela nada sabe sobre ele. Pan segue a ninfa furtivamente, mas Rosie só vê o garoto de doze anos, Deus sabe como ele já está lá de novo, ela se aborrece muito. Subindo a escada do rochedo, ele vem silencioso e saltitante sobre os pés sujos de pó, agora sem seu cachorrinho.

O que você quer, diz Rosie, vá para casa, e quer continuar seu caminho, o qual segue agora um longo trecho totalmente sem proteção junto à parede do rochedo, embaixo estão o abismo e o mar. O garoto não começa de novo com seu *Ecco il mare, ecco l'isola*<sup>3</sup>, mas ele também não se deixa ser mandado para casa, ele a segue e emite agora um som estranho, quase suplicante, que tem algo de não humano e que amedronta Rosie. O que ele tem, o que ele quer, ela pensa, ela não nasceu ontem, mas é que isso não pode ser, ele tem no máximo doze anos, uma criança. Pode ser, no entanto, que o garoto muito ouviu dos amigos mais velhos, dos irmãos maiores, há uma conversa lá na vila, uma conversa eterna, à meia-voz, sobre as garotas estrangeiras, que são tão carentes de amor e submissas e que vagam sozinhas pelos vinhedos e pelas florestas de oliveiras, sem marido, nenhum irmão saca o revólver, e as palavras mágicas *amore amore* já fazem derramar suas lágrimas, atraem seus beijos. Conversas de outono são assim, conversas de inverno, no frio e melancólico café ou na praia úmida, cinzenta, extremamente solitária, conversas com as quais é aceso novamente o calor do verão. Apenas espere, pequeno, em dois anos, em três anos virá também uma garota para você, ela vai pela praça do mercado, você fica na janela, e ela sorri para você. Então, corra atrás, pequeno, não se envergonhe, agarre-a, o que você diz, ela não quer, mas ela só faz isso por fazer, ela quer.

Não que o garoto, o dono do cachorrinho ridículo, tivesse se lembrado de tais conselhos nesse instante, da grande canção invernal de amor e verão, e ainda também, de modo algum, se passaram dois, três anos. Ele ainda é o Peppino<sup>4</sup> fedelho, em quem a mãe dá um peteleco atrás das orelhas, quando ele come a

---

<sup>2</sup> Planta leguminosa-papilionácea, ornamental e medicinal. (WEISZFLOG, 1998)

<sup>3</sup> Eis o mar, eis a ilha

<sup>4</sup> Apelido para Giuseppe, que em português corresponde a José

geléia diretamente do vidro. Ele não pode parecer autoritário como os mais velhos, acenar de um jeito engraçado e gritar, ah, bella, agora que ele quer tentar a sorte junto à garota, a primeira que lhe sorri e que atraiu seu cachorro. Sua sorte, ele não sabe o que é isso, uma besteira e um murmúrio dos adultos, ou ele sabe repentinamente, quando Rosie se afasta dele, empurra sua mão e com seu rosto inteiramente pálido, se aperta contra parede do rochedo? Ele sabe, e porque não pode exigir, começa a implorar e a suplicar, na linguagem que os estrangeiros compreendem, que consiste apenas de infinitivos. Vir para mim, por favor, abraçar, por favor, beijar por favor, amar por favor, tudo rapidamente falado sem pensar, com voz e lábios trêmulos, sobre os quais escorre a saliva. Quando Rosie a princípio ainda ri, mas já assustada, diz, absurdo, o que você está pensando, qual a sua idade afinal, ele recua, perde, por assim dizer, diante dos olhos dela, seu ar infantil, adquire raivosas rugas na testa e um olhar selvagem e ávido. Ele não deve me tocar, ele não deve me fazer nada, pensa Rosie e olha para trás buscando ajuda, porém em vão, a rua fica mais acima, atrás do rochedo, pelo caminho de ziguezague a seus pés não se vê ninguém, lá embaixo no mar, o ruído da rebentação certamente sufoca qualquer grito. Lá embaixo no mar, os pais agora tomam seu segundo banho, onde é que está a Rosie, ela só queria comprar cartões postais para as amigas da escola. Oh, a sala de aula, tão confortavelmente escura em novembro, você pintou primorosamente, Rosie, aquelas asas de gaio-azul, que serão emolduradas, nós as exibiremos. Rosie Walter e atrás uma cruz, amada colega de vocês, morta no Mar Mediterrâneo azul, melhor não dizer como. Loucura, pensa Rosie, e tenta, mais uma vez, com palavras desajeitadas, persuadir o garoto, palavras mais apropriadas também não teriam ajudado nesse momento. O pequeno Pan, suplicante, balbuciante, ardente, quer ter sua ninfa, ele arranca a camisa, também a calça, repentinamente ele fica nu na depressão extremamente quente da pedra, diante do arbusto amarelo e cala-se horrorizado, e subitamente está totalmente silencioso e lá embaixo se ouve o insensível mar loquaz.

Rosie olha fixamente o garoto nu e esquece seu medo, de repente ele lhe parece tão bonito com seus membros bronzeados, sua marca de pele branca do traje de banho, sua coroa de flores em volta do cabelo preto molhado de suor. Só que agora ele sai de sua auréola dourada e vem de encontro a ela e mostra seus longos e brancos dentes, agora ele é o lobo dos contos de fadas, um animal selvagem. Contra animais pode-se lutar, o próprio pai de Rosie, com seu peito

estreito, uma vez o fez, mas Rosie ainda era pequena naquela época, ela tinha se esquecido disso, porém agora isso lhe vem à mente novamente. Não, criança, sem pedra, cachorro só se deve olhar fixamente nos olhos, assim, deixe-o aproximar-se, fixamente nos olhos, você vê, ele estremece, ele se esquiva no chão, ele foge. O garoto é como um cachorro vadio, ele fede, ele comeu carniça, talvez ele tenha raiva, agora completamente silencioso, pai, eu também posso. Rosie, agachada em posição de miséria na parede do rochedo, endireita-se, ergue, ergue seus ombros infantis, e encara o garoto fixamente nos olhos de modo irado, por vários segundos, sem piscar uma única vez e sem mover um membro. Ainda está terrivelmente silencioso e agora repentina e atordoantemente cheira a milhões de arbustos discretos, doces como mel, muito amargos arbustos, e no silêncio e na fragrância o jovem cai mesmo em si, como uma boneca, da qual escorre a serragem do enchimento. Não se compreende, apenas se pensa, o olhar de Rosie deve ter sido horrível, algo de uma grande força elementar deve ter se colocado nele, força de defesa, assim como na súplica e na gagueira e no último gesto raivoso do rapaz havia a força elementar do desejo. Tudo novo, tudo desperta somente agora nessa escaldante, radiante tarde, muitas novas experiências, amores da vida, desejos e vergonha, essas crianças, o despertar da primavera, mas sem amor, apenas nostalgia e medo. O garoto retira-se envergonhado sob o olhar de basilisco<sup>5</sup> de Rosie, passo a passo, choramingando como um bebê doente, e Rosie também fica envergonhada, justamente pelo efeito desse olhar, que ela depois nunca encontrará coragem de repetir diante de um espelho. No fim o garoto senta, ele que, com suas roupas nas mãos, rapidamente se virou e correu silenciosamente rochedo acima, somente o cachorrinho, de repente, está de novo ali e late despreocupado e insolente, o garoto senta na mureta, abotoa a camisa e murmura algo para si, zangado e cego pelas lágrimas. Rosie desce o caminho de ziguezague e quer estar aliviada, escapar mais uma vez, não, esses pais, o que se pode, afinal, aprender com esses pais, e no fundo está é triste, tropeça entre arbustos de eufórbias e espinheiras brancas, cega pelas lágrimas. Sua colega de escola Rosie, eu ouvi dizer, você esteve mesmo na Itália, sim obrigada, era muito bonito lá. Era bonito e assustador, e chegando à margem, Rosie lava o rosto e o pescoço com água do mar, pensa, contar, de jeito nenhum, nenhuma palavra, e perambula então,

---

<sup>5</sup> Réptil fabuloso, a que se atribuí a o poder de matar com a vista ou bafo. (WEISZFLOG, 1998)

enquanto o garoto lá em cima, na rua, anda devagar para casa, ir até os pais pela orla até o balneário. E tanto tempo se passou depois de tudo o que aconteceu, que o sol já está inclinado sobre a montanha e tanto Rosie como o garoto projetam longas sombras ao andar, longas, sombras bem distantes uma da outra, sobre as copas dos jovens pinheiros na encosta, sobre o mar já pálido.

### 3 Sobre a tradução

A compreensão das modalidades de tradução, formuladas por Francis Henrik Aubert (1998) no texto “Modalidades de tradução: teoria e resultados” é relevante para a realização de qualquer trabalho de tradução. Para avaliar o grau de proximidade-distância do texto traduzido em relação ao original, o autor aborda essas modalidades por meio de treze conceitos diferentes: omissão, transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, explicitação/implicação, modulação, adaptação, tradução intersemiótica, erro, correção e acréscimo. Para este trabalho foram consideradas somente algumas dessas modalidades: a transcrição, quando há partes no texto que não pertencem nem à língua-fonte e nem à língua-alvo, como as expressões em italiano *amore amore*, *Ecco il maré*, *ecco l'isola*; a tradução literal, “sinônimo de *tradução palavra-por-palavra* [...], empregando as “mesmas” categorias gramaticais” (AUBERT, 1998, p. 106); a transposição, quando há “rearranjos morfossintáticos” (AUBERT, 1998, p. 107), como em *Goldkettche* traduzido por *correntinha de ouro*; a explicitação, com o uso de notas de rodapé para explicação de vocabulário; a modulação, quando ocorre na tradução um descolamento na estrutura semântica, mas mantém-se o mesmo sentido, por exemplo, *Nachmittagsschlafen* traduzido para *cochilo da tarde*; e por fim, e muito recorrente, a adaptação – na qual “a solução tradutória adotada para o segmento textual dado estabelece uma equivalência parcial de *sentido*” (AUBERT, 1998, p. 108) – vista em *Scherenschleifer*, que foi mudada para *vira-lata*, exemplo que será abordado mais adiante neste capítulo.

A maior dificuldade encontrada neste trabalho de tradução foi em relação ao vocabulário presente no conto “*Lange Schatten*”. Havia muitas palavras desconhecidas e difíceis de encontrar no dicionário como, por exemplo, *Reblaub*, *Bergnase*, *Obersekunda* e *stadtwärts*. Além dessas palavras germânicas, há algumas palavras e expressões italianas, visto que o conto, pelo que se pode notar, se passa em alguma pequena vila italiana situada na região litorânea do Mar Mediterrâneo. Entre elas estão as expressões *amore amore*, *bella*, *Peppino*; e a palavra *Macchia*, que é citada duas vezes no conto e diz respeito a uma vegetação arbustiva densa típica daquela região. Assim como ela, outras plantas regionais são

citadas ao longo do conto, o que exigiu uma pesquisa mais aprofundada sobre os termos possíveis em português.

A escritora descreve com precisão e detalhamento o ambiente da história, como se fossem os próprios cartões-postais que a personagem Rosie comprou, o que facilita a imaginação do leitor sobre as cenas e dificulta a tradução. Isso ocorre, por exemplo, quando ela se refere às cores. No texto original estão presentes as palavras *knallblau* e *giftgrün*, que significam no sentido literal, *azul fulminante* e *verde tóxico*, respectivamente. A ideia de trocar por *azul forte* e *verde fluorescente* surgiu como um facilitador para os leitores da língua portuguesa, já que, dificilmente, as cores são descritas em português como foram pela escritora.

A expressão metafórica *Scherenschleifer*, falada por Rosie referindo-se ao cachorro, também teve que sofrer uma adaptação, pois no seu sentido literal essa expressão significa *amolador de tesouras*. É muito provável que tenha sido usada como uma espécie de gíria na época em que foi escrita, porque descreve os profissionais que se deslocavam para atender sua clientela, assim como um cachorro que anda por toda parte. Porém, tratando-se do aqui, Brasil, e do agora, século XXI, o termo *vira-lata* pareceu mais adequado. Outra adaptação foi necessária para a expressão *zweites Frühstück*, que significa *segundo café da manhã*. Não há no Brasil uma expressão como essa e nem divisões no número de cafés da manhã, então, utilizou-se *lanche matinal*. A tradução de *Ort* (lugar, local) como *vila* permite uma melhor visualização de que se trata de uma pequena cidade e a descrição não fica tão indeterminada como se simplesmente usássemos *lugar*.

As palavras e nomes sempre serão traduzidos com maior eficiência quando vistas dentro de um contexto; se durante seu trabalho o tradutor encontrar frases sem sentido, pode-se saber que faltou um melhor entendimento do enredo da história e do seu contexto. No conto de Kaschnitz existem personagens que surgem de uma forma não esperada, figuras da mitologia grega, como Pan (deus dos bosques) e uma ninfa (deusa dos rios, bosques, florestas). A princípio isso causou certo estranhamento e, para melhor realização dessa tradução, foi preciso fazer uma releitura e pesquisar sobre a influência da mitologia grega na obra da escritora e como ela a usou na história, fazendo uma relação entre as personagens Rosie e o garoto morador da vila e as personagens mitológicas.

A maneira como a escritora escreveu esse conto, usando uma linguagem simples e direta, como se o narrador e as personagens estivessem conversando

casualmente com o leitor, faz sua obra ser original. A característica mais peculiar de Marie Luise Kaschnitz é o modo como usa a pontuação. No prefácio do livro traduzido para a língua inglesa, *Long Shadows*, a tradutora Anna Whissen assinala que “*her writing flows from her pen in a stream-of-consciousness style, frequently without standard punctuation*”<sup>6</sup> (1995, p. xv). Não há ponto de exclamação, nem de interrogação; é possível saber que se trata de uma pergunta pela disposição do verbo, que em alemão tem a primeira posição numa sentença interrogativa; entretanto, em português essa distinção, durante a leitura, terá que ser feita através do contexto.

Outra característica é o uso de vírgulas, e não de travessões ou de aspas, para separar as falas ou pensamentos das personagens daquilo que o narrador diz, como em: [...] *Was willst du, sagt Rosie, geh heim, und will ihren Weg fortsetzen, der gerade jetzt ein Stück weit ganz ohne Geländer an der Felswand hinführt, [...]*. É certo que cada idioma tem suas particularidades quanto à pontuação e o tradutor precisa saber lidar com isso. Paulo Rónai (1981, p. 68) assinala uma questão relevante para este trabalho:

[...], notemos que os hábitos de pontuação variam de língua para língua. É preciso conhecer a praxe do idioma de que se traduz para não impor ao texto os costumes daquele para o qual se traduz. Ao contrário, quando um autor adota pontuação pessoal, divergente da em geral adotada, o bom tradutor tentará conservar essa particularidade em sua versão.

Devido a esse modo peculiar que a escritora escolheu para escrever sua obra foi cabível manter na tradução as pontuações originais, sem uso de sinais de interrogação ou exclamação em alguns trechos, até mesmo para conservar a essência desse conto e da autora.

Meu conhecimento da língua-fonte - o alemão - por ser entre os níveis A2 e B1<sup>7</sup> fez com que fossem cometidos certos deslizos em relação à parte gramatical da tradução de algumas sentenças. Algumas vezes foi difícil compreender a sintaxe de orações em que ocorre o caso dativo, como em, *einem, der Mutter e ihr*, respectivamente, nos exemplos a seguir:

---

<sup>6</sup> Sua escrita flui de sua caneta em um estilo de fluxo de consciência, frequentemente sem pontuação padrão. (WHISSEN, 1995, p.xv, tradução nossa).

<sup>7</sup> Níveis Comuns de Referência: escala global. (TRIM, 2001, p. 49).

1. [...] *die Schwestern achtgeben, die noch klein sind, aber nicht mehr süß, sondern alberne Gänse, die einem das Buch voll Sand schütten, [...].* (KASCHNITZ, 1960, p. 7)
2. [...] *sagt der Vater, und mit niemandem sprechen, und geht der Mutter und den kleinen Schwestern nach mit seinem armen, krummen Bürorücken, [...].* (KASCHNITZ, 1960, p. 7)
3. *Dass der Hund ihr, als sie weitergeht, nachläuft [...].* (KASCHNITZ, 1960, p. 9)

Em outros lugares do texto, a disposição das orações no período, iniciando-o pela oração subordinada como em [...] *dass sie jetzt hinter der Bergnase in ihrem verdunkelten Zimmer auf den Betten liegen, ist beruhigend, [...]* (KASCHNITZ, 1960, p. 9) também foi um fator que dificultou a compreensão. A colocação dos adjetivos atributivos, que em alemão precedem os substantivos foi outra questão que recebeu atenção especial. Muitos adjetivos são pospostos na tradução, pois em português brasileiro falado e escrito, normalmente utiliza-se primeiro o substantivo e em seguida o adjetivo. Foi necessário avaliar cada ocorrência para verificar qual a melhor posição para os adjetivos.

A tradução de advérbios de lugar que indicam movimento, como *hinauf* (lá para cima) e *hinunter* (lá para baixo) exigiu bastante atenção, visto que há muitos deles no texto, pois a escritora prioriza nesse conto a descrição dos caminhos por onde a protagonista passa. Eles são usados, por exemplo, nas seguintes expressões e orações: *nur die Fahrstraße hinauf; ein struppiger kleiner Hund von unbestimmbarer Rasse kläfft zu einem Fenster hinauf; die Straße führt keinesfalls zum Strand hinunter, sondern bergauf; hier hinauf und weiter zum Leuchtturm; Rosie läuft den Zickzackweg hinauf.* Na língua portuguesa, esses advérbios podem ser traduzidos ora por meio de verbos, ora por meio de preposições ou outros advérbios, sendo necessário, em cada contexto, verificar qual a melhor opção. Assim, *nur die Fahrstraße hinauf* foi traduzido como *só suba a rua*, enquanto *zu einem Fenster hinauf* pode ser traduzido como *para a janela*.

Como é possível notar, este trabalho de tradução, ao longo de sua realização, teve que passar por processos de adaptação, transposição, etc. Várias revisões foram realizadas, e foi necessário buscar soluções para todas as dificuldades que apareceram, na tentativa de transpor um mundo cultural noutra e manter a identidade literária da obra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução sempre foi uma área contraditória, mas ao mesmo tempo muito interessante. É um trabalho muito complexo; ao contrário do que muitas pessoas pensam, não se resume em somente usar um dicionário e traduzir palavra por palavra, toda obra literária está dentro de um contexto histórico e cultural. Por isso, requer muita dedicação e estudo por parte do seu realizador.

No percurso deste primeiro trabalho de tradução, foram encontradas diversas dificuldades e dúvidas. Depois de muita leitura, pesquisa e estudo, essas dúvidas puderam ser resolvidas. A tradução de um conto em língua alemã para a língua portuguesa foi uma escolha arriscada para este trabalho de conclusão, visto que o conhecimento da língua alemã ainda apresentava lacunas. Porém, após a tradução, pode-se dizer que algumas dessas lacunas foram preenchidas, pois o trabalho permitiu analisar com maior profundidade diferentes questões linguísticas.

Devido à falta de tempo e de experiência, foi possível traduzir somente um conto do livro *Lange Schatten*. Entretanto, durante a realização deste trabalho surgiu o interesse em continuar, num futuro ainda indeterminado, a tradução dos contos presentes no livro.

## REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

AUBERT, Francis Henrik. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm* 5.1, São Paulo: FFLCH, 1998. 99-128.

BEUTIN, Wolfgang et. al. *Deutsche Literatur-Geschichte*. Stuttgart: J.B.Metzler Verlag, 1994.

KASCHNITZ, Marie Luise. *Lange Schatten: Erzählungen*. München: DTV, 1960.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SCHMITT, Elise. Literatura pós-guerra: sequência ou recomeço? *Revista Trama*, Cascavel, v. 4, n. 8, p. 133-145, 2008. Disponível em: <e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/download/2393/1808>. Acesso em: 5 nov. 2010.

TRIM, John. L. M. et. all. *Quadro europeu comum de referência para as línguas – aprendizagem, ensino, avaliação*. Lisboa: Asa, 2001.

WEISZFLOG, Walter. *Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2010

WHISSEN, Anne. *Foreword*. In: KASCHNITZ, Marie Luise. *Long shadows: stories*. Columbia: Camden House, p. xi-xv, 1995. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=pcRyMc3cMVgC&printsec=frontcover&dq='long+shadows'+kaschnitz>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

DER MARIE Luise Kaschnitz Preis. Disponível em: <<http://www.ev-akademie-tutzing.de/doku/foto/kaschnitz.html>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

HEISE, Eloá; RÖHL, Ruth. *História da literatura alemã*. São Paulo: Ática, 1986.

LANGENSCHIEDT. *Dicionário alemão-português/português-alemão*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

MARIE Luise Kaschnitz. Frankfurt, 2001. Disponível em: <<http://www.kaschnitz.de/sites/homefr.html>>. Acesso em: 5 nov. 2010.

PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1990.

PAUKER.AT. Wörterbücher mit 1196729 Übersetzungen. Disponível em: <[http://rio.pauker.at/pauker/DE\\_DE//wb/](http://rio.pauker.at/pauker/DE_DE//wb/)>. Acesso em: 15 nov. 2010.

SOUSA, C. H. M. R. de. Os dois Brasis de Marie Luise Kaschnitz. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 2, p. 42-62, 1998.

THE FREE dictionary, 2010, Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/>> Acesso em: 15 nov. 2010.

## ANEXO

### Lange Schatten

Langweilig, alles langweilig, die Hotelhalle, der Speisesaal, der Strand, wo die Eltern in der Sonne liegen, einschlafen, den Mund offenstehen lassen, aufwachen, gähnen, ins Wasser gehen, eine Viertelstunde vormittags, eine Viertelstunde nachmittags, immer zusammen. Man sieht sie von hinten, Vater hat zu dünne Beine, Mutter zu dicke, mit Krampfadern, im Wasser werden sie dann munter und spritzen kindisch herum. Rosie geht niemals zusammen mit den Eltern schwimmen, sie muß währenddessen auf die Schwestern achtgeben, die noch klein sind, aber nicht mehr süß, sondern alberne Gänse, die einem das Buch voll Sand schütten oder eine Qualle auf den nackten Rücken legen. Eine Familie zu haben ist entsetzlich, auch andere Leute leiden unter ihren Familien, Rosie sieht das ganz deutlich, zum Beispiel der braune Mann mit dem Goldkettchen, den sie den Schah nennt, statt bei den Seinen unterm Sonnenschirm hockt er an der Bar oder fährt mit dem Motorboot, wilde Schwünge, rasend schnell und immer allein. Eine Familie ist eine Plage, warum kann man nicht erwachsen auf die Welt kommen und gleich seiner Wege gehen. Ich gehe meiner Wege, sagt Rosie eines Tages nach dem Mittagessen und setzt vorsichtshalber hinzu, in den Ort, Postkarten kaufen, Ansichtskarten, die an die Schulfreundinnen geschrieben werden sollen, als ob sie daran dächte, diesen dummen Gören aus ihrer Klasse Kärtchen zu schicken, Gruß om blauen Mittelmeer, wie geht es dir, mir geht es gut. Wir kommen mit, schreien die kleinen Schwestern, aber gottlob nein, sie dürfen nicht, sie müssen zum Nachmittagsschlafen ins Bett. Also nur die Fahrstraße hinauf bis zum Marktplatz und gleich wieder zurück, sagt der Vater, und mit niemandem sprechen, und geht der Mutter und den kleinen Schwestern nach mit seinem armen, krummen Bürorücken, er war heute mit dem Boot auf dem Wasser, aber ein Seefahrer wird er nie. Nur die Fahrstraße hinauf, oben sieht man, mit Mauern und Türmen an den Berg geklebt, den Ort liegen, aber die Eltern waren noch nie dort, der Weg war ihnen zu lang, zu heiß, was er auch ist, kein Schatten weit und breit. Rosie braucht keinen Schatten, wozu auch, ihr ist überall wohl, wohl in ihrer sonnenöglänzenden Haut, vorausgesetzt, daß niemand an ihr herumerzieht und niemand sie etwas fragt.

Wenn man allein ist, wird alles groß und merkwürdig und beginnt einem allein zu gehören, meine Straße, meine schwarze rüdig Katze, mein toter Vogel, eklig, von Ameisen zerfressen, aber unbedingt in die Hand zu nehmen, mein. Meine langen Beine in verschossenen Leinenhosen, meine weißen Sandalen, ein Fuß vor den andern, niemand ist auf der Straße, die Sonne brennt. Dort, wo die Straße den Hügel erreicht, fängt sie an, eine Schlangenlinie zu beschreiben, blaue Schlange im goldenen Reblaub, und in den Feldern zirpen die Grillen wie toll. Rosie benützt den Abkürzungsweg durch die Gärten, eine alte Frau kommt ihr entgegen, eine Mumie, um Gottes willen, was da noch so herumläuft und gehört doch längst ins Grab. Ein junger Mann überholt Rosie und bleibt stehen, und Rosie macht ein strenges Gesicht. Die jungen Männer hier sind zudringliche Taugenichtse, dazu braucht man keine Eltern, um das zu wissen, wozu überhaupt braucht man Eltern, der Teufel, den sie an die Wand malen, hat schon längst ein ganz anderes Gesicht. Nein, danke, sagt Rosie höflich, ich brauche keine Begleitung, und geht an dem jungen Mann vorbei, wie sie es den Mädchen hier abguckt hat, steiles Rückgrat, Wirbel über Wirbel, das Kinn angezogen, die Augen finster niedergeschlagen, und er murmelt nur noch einiges Schmeichelhafte, das in Rosies Ohren grenzenlos albern klingt. Weingärten, Kaskaden von rosa Geranienblüten, Nußbäume, Akazien, Gemüsebeete, weiße Häuser, rosa Häuser, Schweiß in den Handflächen, Schweiß auf dem Gesicht. Endlich ist die Höhe erreicht, die Stadt auch, das Schiff Rosie bekommt Wind unter die Leinwand und segelt glücklich durch Schattenstraßen, an Obstständen und flachen Blechkästen voll farbiger, glitzernder, rundäugiger Fische hin. Mein Markt, meine Stadt, mein Laden mit Herden von Gummitieren und einem Firmament von Strohhüten, auch mit Ständern voll Ansichtskarten, von denen Rosie, der Form halber, drei schreiendblaue Meeresausblicke wählt. Weiter auf den Platz, keine Ah- und Oh-Gedanken angesichts des Kastells und der Kirchenfassaden, aber interessierte Blicke auf die bescheidenen Auslagen, auch in die Schlafzimmer zu ebener Erde, wo über gußeisernen, vielfach verschnörkelten Ehebettstellen süßliche Madonnenbilder hängen. Auf der Straße ist zu dieser frühen Nachmittagsstunde fast niemand mehr, ein struppiger kleiner Hund von unbestimmbarer Rasse kläfft zu einem Fenster hinauf, wo ein Junge steht und ihm Grimassen schneidet. Rosie findet in ihrer Hosentasche ein halbes Brötchen vom zweiten Frühstück, Fang, Scherenschleifer, sagt sie und hält es dem Hund hin, und der Hund tanzt lustig wie ein dressiertes Äffchen um sie herum. Rosie wirft ihm das Brötchen zu und jagt es

ihm gleich wieder ab, das häßliche, auf zwei Beinen hüpfende Geschöpf macht sie lachen, am Ende hockt sie em Rinnstein und krault ihm den schmutzig-weißen Bauch. Ehi, ruft der Junge vom Fenster herunter, und Rosie ruft Ehi zurück, ihre Stimmen hallen, einen Augenblick lang ist es, als seien sie beide die einzigen, die wach sind in der heißen, dösenden Stadt. Daß der Hund ihr, als sie weitergeht, nachläuft, gefällt dem Mädchen, nichts gefragt werden, aber Gesellschaft haben, sprechen können, komm mein Hündchen, jetzt gehen wir zum Tore hinaus. Das Tor ist ein anderes als das, durch welches Rosie in die Stadt gekommen ist, und die Straße führt keinesfalls zum Strand hinunter, sondern bergauf, durchquert einen Steineichenwald und zieht dann, mit vollem Blick auf das Meer hochoben den fruchtbaren Hang entlang. Hier hinauf und weiter zum Leuchtturm haben die Eltern einen gemeinsamen Spaziergang geplant; daß sie jetzt hinter der Bergnase in ihrem verdunkelten Zimmer auf den Betten liegen, ist beruhigend, Rosie ist in einem anderen Land, mein Ölwald, mein Orangenbaum, mein Meer, mein Hündchen, bring mir den Stein zurück. Der Hund apportiert und bellt auf dem dunkelblauen, schmelzenden Asphaltband, jetzt läuft er ein Stück stadtwärts, da kommt jemand um die Felsenecke, ein Junge, der Junge, der am Fenster gestanden und Grimassen geschnitten hat, ein stämmiges, braunverbranntes Kind. Dein Hund? fragt Rosie, und der Junge nickt, kommt näher und fängt an, ihr die Gegend zu erklären. Rosie, die von einem Aufenthalt im Tessin her ein wenig Italienisch versteht, ist zuerst erfreut, dann enttäuscht, da sie sich schon hat denken können, daß das Meer das Meer, der Berg der Berg und die Inseln die Inseln sind. Sie geht schneller, aber der vierschrötige Junge bleibt ihr auf den Fersen und redet weiter auf sie ein, alles, auf das er mit seinen kurzen braunen Fingern zeigt, verliert seinen Zauber, was übrigbleibt, ist eine Ansichtskarte wie die von Rosie erstandenen, knallblau und giftgrün. Er soll nach Hause gehen, denkt sie, mitsamt seinem Hund, auch an dem hat sie plötzlich keine Freude mehr. Als sie in einiger Entfernung zur Linken einen Pfad vor der Straße abzweigen und zwischen Felsen und Macchia steil bergabführen sieht, bleibt sie stehen, holt aus ihrer Tasche die paar Münzen, die von ihrem Einkauf übriggeblieben sind, bedankt sich und schickt den Jungen zurück, vergißt ihn auch sogleich und genießt das Abenteuer, den Felsenpfad, der sich bald im Dickicht verliert. Die Eltern und Geschwister hat Rosie erst recht vergessen, auch sich selbst als Person, mit Namen und Alter, die Schülerin Rosie Walter, Obersekunda, könnte mehr leisten; nichts mehr davon, eine schweifende Seele, auf trotzige Art verliebt in

die Sonne, die Salzlucht, das Tun- und Lassenkönnen, ein erwachsener Mensch wie der Schah, der leider nie spazierengeht, sonst könnte man ihm hier begegnen und mit ihm zusammen, ohne dummes Gegacker, nach fern vorüberziehenden Dampfern Ausschau halten. Der Pfad wird zur Treppe, die sich um den Felsen windet, auf eine Stufe setzt sich Rosie, befühlt den rissigen Stein mit allen zehn Fingern, riecht an der Minze, die sie mit den Handflächen zerreibt. Die Sonne glüht, das Meer blitzt und blendet. Pan sitzt auf dem Ginsterhügel, aber Rosies Schulbildung ist lückenhaft, von dem weiß sie nichts. Pan schleicht der Nymphe nach, aber Rosie sieht nur den Jungen, den zwölfjährigen, da ist er weiß Gott schon wieder, sie ärgert sich sehr. Die Felsentreppe herunter kommt er lautlos auf staubgrauen Füßen, jetzt ohne sein Hündchen, gesprungen.

Was willst du, sagt Rosie, geh heim, und will ihren Weg fortsetzen, der gerade jetzt ein Stück weit ganz ohne Geländer an der Felswand hinführt, drunten liegt der Abgrund und das Meer. Der Junge fängt gar nicht wieder an mit seinem Ecco il mare, ecco l'isola, aber er läßt sich auch nicht nach Hause schicken, er folgt ihr und gibt jetzt einen seltsamen, fast flehenden Laut von sich, der etwas Unmenschliches hat und der Rosie erschreckt. Was hat er, was will er, denkt sie, sie ist nicht von gestern, aber das kann doch wohl nicht sein, er ist höchstens zwölf Jahre alt, ein Kind. Es kann doch sein, der Junge hat zuviel gehört von den älteren Freunden, den großen Brüdern, ein Gespräch ist da im Ort, ein ewiges halblautes Gespräch von den fremden Mädchen, die so liebessüchtig und willfährig sind und die allein durch die Weingärten und die Ölwälder schweifen, kein Ehemann, kein Bruder zieht den Revolver, und das Zauberwort amore amore schon lockt ihre Tränen, ihre Küsse hervor. Herbstgespräche sind das, Wintergespräche, im kalten, traurigen Café oder am nassen, grauen, überaus einsamen Strand, Gespräche, bei denen die Glut des Sommers wieder entzündet wird. Warte nur Kleiner, in zwei Jahren, in drei Jahren kommt auch für dich eine, über den Marktplatz geht sie, du stehst am Fenster, und sie lächelt dir zu. Dann lauf nur hinterher, Kleiner, genieß dich nicht, pack sie, was sagst du, sie will nicht aber sie tut doch nur so, sie will.

Nicht daß der Junge, der Herr des äffigen Hündchens, sich in diesem Augenblick an solche Ratschläge erinnert hätte, an den großen Liebes- und Sommergesang des Winters, und die zwei, drei Jahre sind auch noch keineswegs herum. Er ist noch immer der Peppino, die Rotznase, dem seine Mutter eins hinter die Ohren gibt, wenn er aus dem Marmeladeneimer nascht. Er kann nicht wie die

Großen herrisch auftreten, lustig winken und schreien, ah, bella, jetzt wo er bei dem Mädchen, dem ersten, das ihm zugelächelt und seinen Hund an sich gelockt hat, sein Glück machen will. Sein Glück, er weiß nicht, was das ist, ein Gerede und Geraune der Großen, oder weiß er es doch plötzlich, als Rosie vor ihm zurückweicht, seine Hand wegstößt und sich, ganz weiß im Gesicht, an die Felswand drückt? Er weiß es, und weil er nicht fordern kann, fängt er an zu bitten und zu betteln, in der den Fremden verständlichen Sprache, die nur aus Nennformen besteht. Zu mir kommen, bitte, mich umarmen, bitte, küssen bitte, lieben bitte, alles ganz rasch hervorgestoßen mit zitternder Stimme und Lippen, über die der Speichel rinnt. Als Rosie zuerst noch, aber schon ängstlich, lacht und sagt, Unsinn, was fällt dir ein, wie alt bist du denn überhaupt, weicht er zurück, fährt aber gleich sozusagen vor ihren Augen aus seiner Kinderhaut, bekommt zornige Stirnfalten und einen wilden, gierigen Blick. Er soll mich nicht anrühren, er soll mir nichts tun, denkt Rosie und sieht sich, aber vergebens, nach Hilfe um, die Straße liegt hoch oben, hinter den Felsen, auf dem Zickzackpfad ihr zu Füßen ist kein Mensch zu sehen, und drunten am Meer erstickt das Geräusch der Brandung gewiß jeden Schrei. Drunten am Meer, da nehmen die Eltern jetzt ihr zweites Bad, wo nur Rosie bleibt, sie wollte doch nur Ansichtskarten für ihre Schulfreundinnen kaufen. Ach, das Klassenzimmer, so gemütlich dunkel im November, das hast du hübsch gemalt, Rosie, diesen Eichelhäherflügel, der kommt in den Wechselrahmen, wir stellen ihn aus. Rosie Walter und dahinter ein Kreuz, eure liebe Mitschülerin, gestorben am blauen Mittelmeer, man sagt besser nicht, wie. Unsinn, denkt Rosie und versucht noch einmal mit unbeholfenen Worten, dem Jungen gut zuzureden, es hätten aber auch beholfenere in diesem Augenblick nichts mehr vermocht. Der kleine Pan, flehend, stammelnd, glühend, will seine Nymphe haben, er reißt sich das Hemd ab, auch die Hose, er steht plötzlich nackt in der grellheißen Steinmulde vor dem gelben Strauch und schweigt erschrocken, und ganz still ist es mit einemmal, und von drunten hört man das geschwätzige, gefühllose Meer.

Rosie starrt den nackten Jungen an und vergißt ihre Angst, so schön erscheint er ihr plötzlich, mit seinen braunen Gliedern, seinem Badehosengürtel von weißer Haut, seiner Blütenkrone um das schweißnasse schwarze Haar. Nur daß er jetzt aus seinem goldenen Heiligenschein tritt und auf sie zukommt und die langen, weißen Zähne fletscht, da ist er der Wolf aus dem Märchen, ein wildes Tier. Gegen Tiere kann man sich wehren, Rosies eigener schmalbrüstiger Vater hat das einmal getan,

aber Rosie war noch klein damals, sie hat es vergessen, aber jetzt fällt es ihr wieder ein. Nein, Kind, keinen Stein, Hunden muß man nur ganz fest in die Augen sehen, so, laß ihn herankommen, ganz starr ins Auge, siehst du, er zittert, er drückt sich an den Boden, er läuft fort. Der Junge ist ein streunender Hund, er stinkt, er hat Aas gefressen, vielleicht hat er die Tollwut, ganz still jetzt, Vater, ich kann es auch. Rosie, die zusammengesunken wie ein Häufchen Unglück an der Felswand kauert, richtet sich auf, wächst, wächst aus ihren Kinderschultern und siehrt dem Jungen zornig und starr in die Augen, viele Sekunden lang, ohne ein einziges Mal zu blinzeln und ohne ein Glied zu bewegen. Es ist noch immer furchtbar still und riecht nun plötzlich betäubend aus Millionen von unscheinbaren, honigsüßen, kräuterbitteren Macchiastauden, und in der Stille und dem Duft fällt doch der Junge wirklich in sich zusammen, wie eine Puppe, aus der das Sägemehl rinnt, Man begreift es nicht, man denkt nur, entsetzlich muß Rosies Blick gewesen sein, etwas von einer Urkraft muß in ihm gelegen haben, Urkraft der Abwehr, so wie in dem Flehen und Stammeln und in der letzten wilden Geste des Knaben die Urkraft des Begehrens lag. Alles neu, alles erst erwacht an diesem heißen, strahlenden Nachmittag, lauter neue Erfahrungen, Lebensliebe, Begehren und Scham, diese Kinder, Frühlingserwachen, aber ohne Liebe, nur Sehnsucht und Angst. Beschämt zieht sich der Junge unter Rosies Basiliskenblick zurück, Schritt für Schritt, wimmernd wie ein kranker Säugling, und auch Rosie schämt sich, eben der Wirkung dieses Blickes, den etwa vor einem Spiegel später zu wiederholen sie nie den Mut finden wird. Am Ende sitzt der Junge, der sich, seine Kleider in der Hand, rasch umgedreht hat und die Felsenstiege lautlos hinaufgelaufen ist, nur das Hündchen ist plötzlich wieder da und bellt unbekümmert und frech, der Junge sitzt auf dem Mäuerchen, knöpft sich das Hemd zu und murmelt vor sich hin, zornig und tränenblind. Rosie läuft den Zickzackweg hinab und will erleichtert sein, noch einmal davongekommen, nein, diese Väter, was man von den Vätern doch lernen kann, und ist im Grunde doch nichts als traurig, stolpert zwischen Wolfsmilchstauden und weißen Dornenbüschen, tränenblind. Eure Mitschülerin Rosie, ich höre, du warst sogar in Italien, ja danke, es war sehr schön. Schön und entsetzlich war es, und am Ufer angekommen, wäscht sich Rosie das Gesicht und den Hals mit Meerwasser, denkt, erzählen, auf keinen Fall, kein Wort, und schlendert dann, während oben auf der Straße der Junge langsam nach Hause tritt, am Saum der Wellen zum Badestrand, zu den Eltern hin. Und so viel Zeit ist über all dem vergangen, daß die Sonne bereits schräg über dem Berge steht und daß

sowohl Rosie wie der Junge im Gehen lange Schatten werfen, lange, weit voneinander entfernte Schatten, über die Kronen der jungen Pinien am Abhang, über das schon blässere Meer.